

# NÚCLEOS CAUSATIVOS NA LÍNGUA TENETEHÁRA: NATUREZA DOS COMPLEMENTOS SELECIONADOS POR CAUSE

Fábio Bonfim Duarte<sup>1</sup>  
Quesler Fagundes Camargos<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo a análise das construções causativas na língua Tenetehára. Para tal, avaliaremos o estatuto gramatical de dois afixos causativos: o prefixo {*mu-*} e o sufixo {*-(u)kar*}. Conforme será mostrado no decorrer da análise, a principal diferença entre os dois afixos reside no fato de que o sufixo {*-(u)kar*} se junta a predicados transitivos, enquanto o prefixo causativo {*mu-*} se junta a predicados intransitivos. Outro objetivo é averiguar o tipo de estrutura que esses morfemas projetam no componente sintático. A hipótese que aventamos é a de que ambos os afixos projetam o núcleo CAUSE<sup>o</sup>, cuja função principal é denotar que toda construção causativa implica, pelo menos dois subeventos, o evento da causação e o evento causado. Adicionalmente, averiguamos os tipos de morfemas que podem intervir entre os morfemas causativos e a raiz a que se juntam. Para tal, assumiremos a estrutura mais articulada do v-VP, tal como delineada em Kratzer (1996), Hale e Keyser (1993, 2002) e Pylkkänen (2002, 2008).

O artigo está organizado em quatro seções. Na seção 2, apresentamos o aporte teórico por meio do qual a análise se sustenta. Nela, retomamos a proposta da estrutura do vP cindido, segundo a qual a estrutura estendida do VP comporta, pelo menos, dois núcleos: o núcleo Voice<sup>o</sup> e o núcleo CAUSE<sup>o</sup>. Na seção 3, arrolamos os dados empíricos relevantes para o desenvolvimento da proposta teórica. Mostramos que a escolha do morfema causativo dependerá do tipo da estrutura, isto é, se a construção é intransitiva ou se é transitiva. Na seção 4, desenvolvemos a proposta de que os núcleos Voice<sup>o</sup> e CAUSE<sup>o</sup> podem vir realizados sincreticamente. Propomos ainda que o núcleo CAUSE<sup>o</sup>, quando vem encabeçado pelo morfema causativo {*mu-*}, seleciona um VP, ao passo que, quando vem realizado pelo sufixo {*-(u)kar*}, seu complemento corresponde a um vP fásico. Por fim, na seção 5, finalizamos com as considerações finais.

---

<sup>1</sup>Professor Adjunto IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – Nível 2. E-mail para contato: [fbonfim@terra.com.br](mailto:fbonfim@terra.com.br). Portal: [www.lettras.ufmg.br/fbonfim](http://www.lettras.ufmg.br/fbonfim). Este estudo é parte de um projeto de pesquisa, intitulado *Estudo da Estrutura Argumental em Línguas Indígenas Brasileiras*, o qual integra um projeto maior, com o apoio do CNPq (Processo 302674/2009-8).

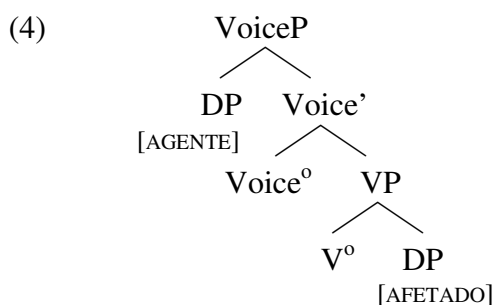
<sup>2</sup>Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Fale/UFMG. E-mail para contato: [queslerc@yahoo.com.br](mailto:queslerc@yahoo.com.br).

## 2. OS NÚCLEOS CAUSATIVOS SEGUNDO PYLKKÄNEN

De maneira geral, podemos assumir que um morfema causativo, quando se junta a uma base verbal, tem a propriedade gramatical de aumentar a valência de um verbo ao introduzir um novo argumento à sua grade temática. Quando isso ocorre, o novo argumento corresponde, em geral, a um sujeito com a propriedade semântica de AGENTE. Adicionalmente, duas situações podem ocorrer: (i) um verbo intransitivo transforma-se em transitivo e (ii) um verbo transitivo passa a ter três argumentos nucleares. O processo de aumento de valência de um verbo intransitivo por meio do acréscimo de um afixo causativo pode ser notado pelos exemplos do japonês e do finlandês a seguir.

- (1) a. JAPONÊS  
*Yasai-ga kusa-tta*  
vegetal-NOM apodrecer-PAST  
“O vegetal apodreceu”  
(Pylkkänen, 2002, p. 73)
- b. *Taroo-ga yasai-o kus-ase-ta*  
Taro-NOM vegetal-ACC apodrecer-CAUS-PAST  
“Taro fez o vegetal apodrecer”  
[Lit. Taro apodreceu o vegetal]  
(Pylkkänen, 2002, p. 73)
- (2) a. FINLANDÊS  
*Ikkuna hajo-si*  
janela quebrar-PAST  
“A janela quebrou”  
(Pylkkänen, 2002, p. 73)
- b. *Liisa hajo-tti ikkuna-n*  
Liisa.NOM quebrar-CAUS janela-ACC  
“Liisa quebrou a janela”  
(Pylkkänen, 2002, p. 73)
- (3) a. JAPONÊS  
*John-ga kodomo-o nak-asi-ta*  
John-NOM criança-ACC chorar-CAUS-PAST  
“John fez a criança chorar”  
(Pylkkänen, 2002, p. 110)
- b. *Taroo-ga Jiroo-ni sensei-o nak-as-ase-ta*  
Taroo-NOM Jiroo-DAT professor-ACC chorar-CAUS-CAUS-PAST  
“Taro fez o Jiro fazer o professor chorar”  
(Pylkkänen, 2002, p. 112)

Para dar conta dos exemplos apresentados de (1) a (3), Pylkkänen parte da proposta teórica de Kratzer, segundo a qual o domínio funcional de verbos transitivos de ação deve conter um núcleo  $\text{Voice}^0$ . Este núcleo mantém uma relação composicional com o evento causado (VP) e uma relação temática ao introduzir um argumento externo com as propriedades semânticas de AGENTE. Tal relação pode ser mapeada na sintaxe da seguinte maneira:



Com o intuito de aperfeiçoar a proposta de Kratzer, Pylkkänen propõe que todas as construções causativas devem necessariamente envolver um núcleo  $\text{CAUSE}^0$ , cuja função principal é a de introduzir o evento da causação. Para tal, Pylkkänen dissocia o núcleo  $\text{CAUSE}^0$  do núcleo  $\text{Voice}^0$ . Uma das evidências empíricas que permitiu propor tal mapeamento deveu-se ao fato de línguas como o japonês aceitar causativizações sem que um argumento externo AGENTE seja introduzido no evento. Em suma, no exemplo em (5), nota-se que há um morfema causativo na morfologia do verbo sem que um AGENTE tenha sido introduzido na estrutura.

**JAPONÊS**

- (5) *Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM son-ACC die-CAUSE-PAST  
 “Taro’s son died on him” (the adversity causative)

(Pylkkänen, 2002, p. 81)

A consequência que exemplos como (5) trazem para a estrutura argumental dos verbos causativos é que apenas o núcleo  $\text{CAUSE}^0$  será projetado. Assim sendo, tomando por base dados como esse, Pylkkänen propõe um núcleo  $\text{CAUSE}^0$  separado de  $\text{Voice}^0$ . Consoante esta análise, a diferença entre os núcleos  $\text{CAUSE}^0$  e  $\text{Voice}^0$  é que  $\text{CAUSE}^0$  apenas introduz o evento da causação, enquanto  $\text{Voice}^0$  introduz o argumento externo AGENTE. Vale ressaltar que a proposta de Pylkkänen vai de encontro com as propostas anteriores a respeito do fenômeno da causativização. Os morfemas causativos eram vistos como introdutores de argumento externo com a propriedade semântica de AGENTE. Entretanto, exemplos como em (5) acima demonstram claramente que esta

proposta está equivocada. Mais especificamente, Pylkkänen mostra que nem sempre um argumento externo AGENTE deve ser necessariamente introduzido em construções causativas. Desta maneira, tomando por base a existência do núcleo CAUSE<sup>0</sup>, assumiremos, doravante, que a estrutura argumental das construções causativas deve possuir a seguinte configuração sintática:



Devido às variações que cada língua apresenta, os núcleos funcionais TP e AgrP, por exemplo, podem ter suas projeções realizadas separadamente em algumas línguas, enquanto que, em outras, T<sup>0</sup> e Agr<sup>0</sup> se realizam como um núcleo funcional não cindido. Segundo Pylkkänen, a mesma situação pode dar-se em relação aos núcleos Voice<sup>0</sup> e CAUSE<sup>0</sup>. Por esta razão, Pylkkänen (2002, p. 90) propõe que “embora Cause e Voice sejam peças separadas no inventário universal dos núcleos funcionais, eles podem vir agrupados em um só morfema no léxico de uma língua particular”<sup>3</sup>. Assim sendo, a estrutura apresentada em (6) pode assumir, alternativamente, o seguinte formato, situação que dependerá das propriedades paramétricas de cada língua.

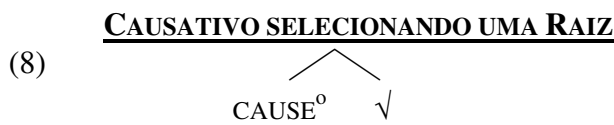


Adicionalmente, Pylkkänen assume que o núcleo CAUSE<sup>0</sup> pode selecionar, pelo menos, três tipos de complementos, o que dependerá das seleções paramétricas que cada língua faz, conforme a seguir:

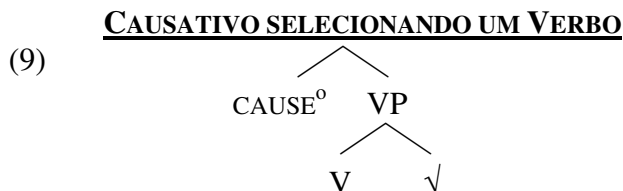
<sup>3</sup> Tradução aproximada de “while CAUSE and Voice are separate pieces in the universal inventory of functional heads, they can be grouped together into a morpheme in the lexicon of a particular language”.

- (i) uma raiz;
- (ii) um VP;
- (iii) um vP fásico (ou seja, um vP que já possui um argumento externo).

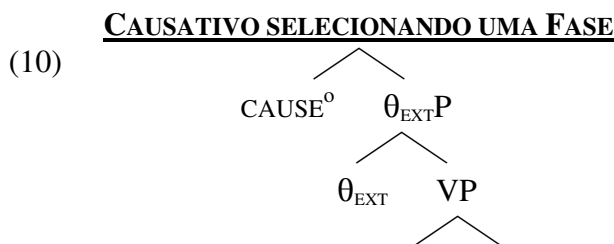
Pylkkänen notou que, quando  $CAUSE^0$  seleciona diretamente uma raiz, não é possível haver: (i) uma modificação desta raiz por advérbios modificadores de VP; (ii) morfologia verbal entre o núcleo  $CAUSE^0$  e a raiz; (iii) modificadores orientados para o agente do evento causado; (iv) morfologia de aplicativo alto entre a raiz e  $CAUSE^0$ . Em síntese, o formato de uma construção causativa cujo núcleo  $CAUSE^0$  seleciona raiz é o seguinte:



Por sua vez, quando o núcleo  $CAUSE^0$  seleciona um VP, é possível haver: (i) uma modificação de VP por advérbios modificadores de VP; (ii) morfologia verbal entre a raiz e  $CAUSE^0$ ; e não é possível haver: (iii) modificadores orientados para o agente de evento causado; (iv) morfologia de aplicativo alto entre a raiz e  $CAUSE^0$ . O formato de uma construção causativa cujo núcleo  $CAUSE^0$  seleciona um VP é o seguinte:



Por fim, quando o núcleo  $CAUSE^0$  seleciona um vP fásico, é possível haver: (i) modificação de VP por advérbios modificadores de VP; (ii) morfologia verbal entre a raiz e  $CAUSE^0$ ; (iii) modificadores orientados para agente de evento causado; (iv) morfologia de aplicativo alto entre a raiz e  $CAUSE^0$ . O formato de um causativo que seleciona um vP fásico é o seguinte:



Na próxima seção, nosso objetivo é apresentar os dados relevantes da língua Tenetehára que servirão de base para o desenvolvimento da proposta teórica.

### 3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO TENETEHÁRA

Na língua Tenetehára, observa-se a existência de dois afixos causativos: o prefixo {*mu-*}, que em geral aumenta a valência de verbos intransitivos ativos, inativos, deadjetivais e denominais, e o sufixo causativo {-(*u*)*kar*}, que, curiosamente, se junta a verbos transitivos. A principal diferença entre os dois reside no fato de que somente o sufixo causativo {-(*u*)*kar*} junta-se a predicado que já contenha dois argumentos nucleares. O resultado, conforme veremos adiante, é que haverá dois argumentos com a mesma propriedade de [+desencadeador] na estrutura causativa resultante, sendo que um terá a propriedade semântica de [+controle] e o outro a propriedade [-controle], conforme mostra o exemplo a seguir:

- (11) a. *Zwã u-zuka tapi'ir*  
 João 3-matar anta  
 “João<sub>[+desencadeador, +controle]</sub> matou a anta”
- b. *a'e u-zuka-ukar tapi'ir Zwã ø-pe*  
 ele 3-matar-CAUS anta João C-por  
 “Ele<sub>[+desencadeador, +controle]</sub> fez João<sub>[+desencadeador, -controle]</sub> matar a anta”  
 (Boudin, 1978, p. 281)

Note que, com o acréscimo do sufixo {-(*u*)*kar*}, o argumento que ocupa a posição de sujeito do verbo inicial passa a ocupar a posição de oblíquo do verbo final e um novo argumento é inserido na posição de sujeito. Este novo argumento carregará as propriedades semânticas [+desencadeador, +controle].

O objetivo das próximas seções é detalhar os vários tipos de causativização em que bases intransitivas e transitivas tornam-se transitivas e ditransitivas, respectivamente.

#### 3.1. Prefixo causativo {*mu-*}

##### 3.1.1. Causativização de intransitivos ativos (=inergativo)

Os verbos intransitivos ativos<sup>4</sup> são caracterizados por selecionar um D/NP na posição de sujeito com as propriedades semânticas de agente e por receber os prefixos nominativos. Quando estes verbos recebem o prefixo causativo {*mu-*}, o predicado

<sup>4</sup> Os intransitivos ativos correspondem, em parte, aos verbos que a sintaxe gerativa convencionou chamar de inergativos. Em geral, cobrem os verbos do tipo de *dançar, trabalhar, nadar, viajar* etc.

passa a projetar dois argumentos nucleares. Vale ressaltar que o objeto do verbo causativizado corresponde ao sujeito do verbo intransitivo. Este, por sua vez, assume as propriedades semânticas de agente-afetado. Semanticamente, as derivações resultantes de radicais intransitivos ativos têm a significação “fazer X”, de acordo com Seki (2000, p. 379). Vejamos os exemplos a seguir.

(12) a. *a'e u-awak*  
 ele 3-acenar  
 “Ele acena”  
 (Castro, 2007, p. 25)

b. *a'e u-mu-awa-awak u-kwà*  
 ele 3-CAUS-acenar-acenar CORR-dedo  
 “Ele acenou o dedo”  
 [Lit.: Ele fez o dedo acenar]  
 (Castro, 2007, p. 25)

### 3.1.2. Causativização de intransitivos inativos

Os verbos intransitivos inativos são caracterizados por selecionar um D/NP na posição de sujeito com as propriedades semânticas de afetado e receber os prefixos nominativos. Quando estes verbos recebem o prefixo causativo, o novo predicado transitivo passa a projetar dois argumentos nucleares. Veja os exemplos a seguir.

(13) a. *w-apyk*  
 3-sentar  
 “(Algo) sentou”  
 (Castro, 2007, p. 44)

b. *u-mu-apyk*  
 3-CAUS-sentar  
 “(Ele) fez (a escrita) sentar (no papel)”  
 (Castro, 2007, p. 44)

### 3.1.3. Causativização de intransitivos deadjetivais

Os verbos deadjetivais são caracterizados por selecionar um D/NP na posição de sujeito com as propriedades semânticas de estativo/afetado e receber os prefixos relacionais  $\{\emptyset- \infty r-\}$  e  $\{i- \infty h\}$ . Quando estes verbos são causativizados, o novo predicado transitivo passa a projetar dois argumentos nucleares. Em termos semânticos, Seki (2000, p. 379) afirma que as “derivações resultantes de radicais descritivos [ou seja, deadjetivais] têm a significação ‘fazer ser X, tornar X’”. Um fato interessante é que este verbo transitivo causativizado passa a acionar os prefixos nominativos, ao invés dos prefixos relacionais, conforme ilustram os exemplos a seguir.

- (14) a. *i-puràng*  
3-bonito  
“Ele é bonito”  
  
(Castro, 2007, p. 36)
- b. *u-mu-puràng*  
3-CAUS-bonito  
“Ele deu carinho a alguém”  
[Lit. Ele fez alguém bonito]  
  
(Castro, 2007, p. 36)
- (15) a. *h-aku*  
3-quente  
“(Algo) está quente”  
  
(Castro, 2007, p. 44)
- b. *u-mu-aku-putar*                   ’y    *nehe*  
3-CAUS-quente-DESID            água   FUT  
“(Ele) deseja fazer a água ficar quente”  
  
(Castro, 2007, p. 45)

#### 3.1.4. Causativização de intransitivos denominais

Os verbos denominais são caracterizados por ter um nome no núcleo do predicado, selecionar um D/NP na posição de sujeito com as propriedades semânticas de estativo e receber os prefixos relacionais. Quando esses verbos recebem o prefixo causativo, o novo predicado transitivo passa a projetar dois argumentos nucleares. Semanticamente, segundo Seki (2000, p. 379), “a adição do prefixo [causativo] a radicais nominais deriva formas com a significação ‘fazer ter X, prover de’. Já no caso de nominais possuíveis, o prefixo causativo deriva formas com a significação de ‘fazer ser X, transformar em X’”. Os exemplos a seguir mostram a derivação causativa a partir de nomes.

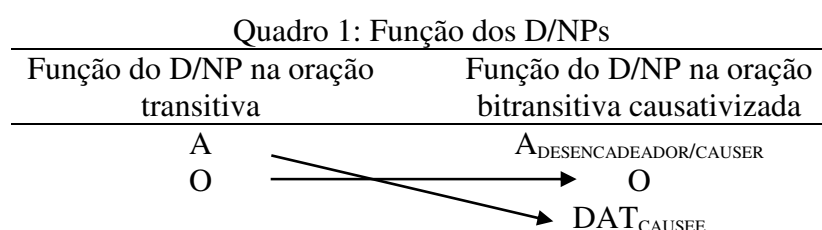
- (16) a. *tamanuwa*    *h-er*                     $\phi$ -a’e  
tamanduá    3-nome                    V-DET  
“Tamanduá é o nome dele”  
  
(Duarte, 2009, p. 15)
- b. *u-mu-her*    *tamanuwa*  
3-CAUS-nome tamanduá  
“Ele o nomeou de tamanduá”



### 3.2. Sufixo Causativo {-(*u*)kar}

#### 3.2.1. Causativização de transitivos simples

O sufixo causativo {-(*u*)kar} tem a propriedade de acrescentar um terceiro argumento a um predicado transitivo simples. Neste contexto, o argumento que ocupa a posição de sujeito passa a ocupar a posição de objeto indireto e um novo argumento é inserido na posição de sujeito. O objeto direto do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização do verbo transitivo simples. O argumento introduzido na posição de sujeito carregará as propriedades semânticas [+desencadeador, +controle]. O processo de causativização dos verbos transitivos na língua Tenetehára pode ser assim descrito.

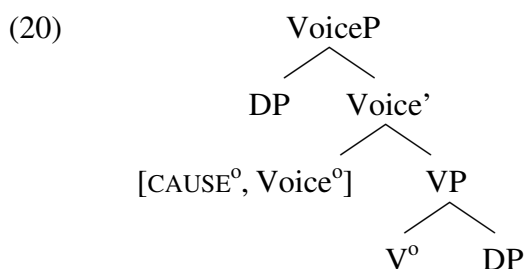


Os exemplos a seguir demonstram a causativização dos verbos transitivos simples por meio do sufixo {-(*u*)kar}.

- (17) a. *Genildo u-mu-pu ka'a*  
 Genildo 3-CAUS-barulhar folha  
 “Genildo faz a folha barulhar”
- b. *Josiane u-mu-pu-kar Genildo ø-pe*  
 Josiane 3-CAUS-barulhar-CAUS Genildo c-por  
 “Josiane faz Genildo fazer a folha barulhar”
- (18) a. *u-dapo t-emi'u kwej*  
 3-fazer NC-comida PERF  
 “Ela fez comida”
- b. *a-dapo-kar t-emi'u kwej ihe de ø-upe*  
 1-fazer-CAUS NC-comida PERF 1 2 c-para  
 “Eu a fiz fazer comida para você”
- (Carvalho, 2001, p. 51)
- (19) a. *Zwã u-zuka tapi'ir*  
 João 3-matar anta  
 “João matou a anta”
- b. *a'e u-zuka-ukar tapi'ir Zwã ø-pe*  
 ele 3-matar-CAUS anta João c-por  
 “Ele fez João matar a anta”
- (Boudin, 1978, p. 281)

#### 4. PROPOSTA TEÓRICA

Acompanhando o essencial da proposta de Pylkkänen e o que os dados da seção anterior apontam, a teoria que desenvolvemos neste artigo é a de que, na língua Tenetehára, os núcleos CAUSE<sup>o</sup> e Voice<sup>o</sup> podem vir mapeados na sintaxe por meio de um núcleo sincrético, ou seja, realizam-se por meio de um núcleo funcional não cindido. Mais precisamente, assumiremos que, em Tenetehára, CAUSE<sup>o</sup> e Voice<sup>o</sup> podem vir realizados por meio de um núcleo complexo [CAUSE<sup>o</sup>, Voice<sup>o</sup>], conforme mostra a representação sintática a seguir.

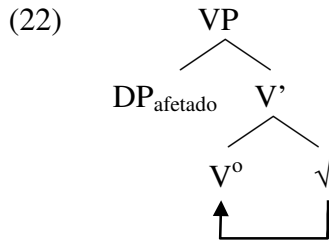


A principal evidência a favor da hipótese acima advém do fato de que, em Tenetehára, diferentemente do que ocorre em japonês, não há causativizações sem que haja a introdução de um argumento externo AGENTE. O que se observa é que toda vez que há o processo de causativização, seja por meio do prefixo {*mu-*} seja por meio do sufixo {-(*u*)kar}, necessariamente um novo argumento externo, com o papel temático de AGENTE, deve ser introduzido.

Por sua vez, proporemos que o núcleo CAUSE<sup>o</sup>, quando vem realizado por meio do prefixo causativo {*mu-*}, só pode se juntar a VPs, nunca a raízes. Uma das fortes evidências a favor desta hipótese advém do fato de que, por exemplo, o morfema causativo {*mu-*} não pode se juntar diretamente à raiz *-aku*, em (21). Para que o morfema causativo se junte a raiz *-aku*, é preciso antes que essa raiz se junte ao núcleo de VP, de modo a formar o verbo descritivo *haku* “(algo) está quente”, conforme mostra a estrutura sintática em (22).

- (21) *h-aku*  
 3-quente  
 “(Algo) está quente”

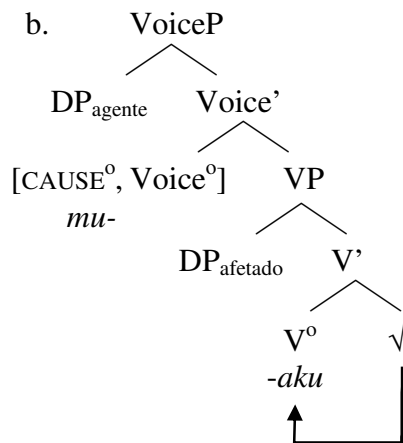
(Castro, 2007, p. 44)



Portanto, somente após a formação do verbo descritivo, conforme mostra a estrutura em (22), é que o morfema causativo {*mu-*} poderá juntar-se ao VP para formar a estrutura causativa em (23a), conforme mostra a configuração sintática em (23b).

- (23) a. *u-mu-aku-putar*                      'y    *nehe*  
 3-CAUS-quente-DESID                      água    FUT  
 “(Ele) deseja fazer a água ficar quente”

(Castro, 2007, p. 45)



Se *-aku* não fosse verbalizado antes de se juntar ao morfema causativo, exemplos como (21) não poderiam ocorrer na língua, já que a raiz não estaria sendo encabeçada por um núcleo  $V^0$ . Veja que esta análise pode ser estendida para dar conta do fato de que o morfema causativo pode ainda se juntar a verbos intransitivos ativos, inativos e denominais. Por esta razão, proporemos que o núcleo  $CAUSE^0$  seleciona apenas VPs, e não raízes. Esta proposta recebe evidência adicional pelo fato de podermos ter o par de sentenças não causativas e sua contraparte causativa, conforme mostram os dados arrolados a seguir:

**VERBO DEADJETIVAL**

- (24) a. *i-angaiw*  
3-magro  
“(Alguém) é magro”

(Castro, 2007, p. 44)

**VERBO TRANSITIVO**

- b. *u-mu-angaiw*  
3-CAUS-magro  
“(Ele) fez (alguém) magro”

(Castro, 2007, p. 44)

**VERBO INTRANSITIVO INATIVO**

- (25) a. *u-pirik*  
3-gotejar  
“(Algo) goteja”

(Castro, 2007, p. 24)

**VERBO TRANSITIVO**

- b. *u-mu-piri-pirik*      *a'e ma'e*      *∅-zuka-haw*      *ywy*      *r-ehe*  
3-CAUS-gotejar-gotejar      ele      coisa      ABS-matar-NOML      chão      c-em  
“(Ele) faz o veneno gotejar no chão”

(Castro, 2007, p. 24)

Por fim, assumiremos que, em contextos como os apresentados nesta seção, a única morfologia permitida entre o núcleo CAUSE<sup>o</sup> e a raiz é o morfema de verbalização, o qual em Tenetehára se realiza por um morfema nulo {∅}. Já os morfemas reflexivos, recíprocos e marcadores de aspecto não podem intervir entre o morfema causativo e o VP. Tal fato fica evidente pelo exemplo a seguir em que o morfema de voz reflexiva ocorre acima do núcleo CAUSE<sup>o</sup>.

- (26) *u-pyta*      *a'e*      *pe*  
3-ficar      lá      PSP

*ta'e*      *n-u-puner-kwaw*      *u-ze-mu-myj*  
porque      NEG1-3-poder-NEG2      3-REFL-CAUS-mexer  
“Ele ficou lá porque não podia se mexer”

(Castro, 2007, p. 27)

Note que, no contexto acima, o morfema reflexivo {ze-} não intervém entre a raiz -myj “mexer” e o morfema causativo {mu-}. O reflexivo pode se afixar depois que o verbo inicialmente intransitivo tiver recebido o morfema causativo.

Por fim, postularemos que o núcleo CAUSE<sup>o</sup>, quando vem realizado por meio do sufixo causativo {-(u)kar}, pode se juntar a vPs fásicos, ou seja, a construções que são inicialmente transitivas. Uma evidência a favor desta hipótese advém do fato de que,

quando o núcleo CAUSE<sup>o</sup> seleciona um vP fásico, não há restrição quanto à ocorrência de morfologias verbais diversas entre o morfema causativo *-(u)kar* e o verbo. Assim sendo, as construções causativas que envolvem o morfema causativo *{-(u)kar}* permitem morfologia verbal intervindo entre CAUSE<sup>o</sup> e a raiz, conforme mostram os exemplos a seguir:

(27) *pe*       $\emptyset$ -*pytywà-wiwi-kar*  
 2PL      ABS-ajudar-FREQ-CAUS  
 “Vocês mandaram ajudar (muitas vezes) alguém”

(28) Aspecto frequentativo *{-wiwi}*

a.	<i>-pytywà</i>	“ajudar”	VERB
b.	<i>-pytywà-wiwi</i>	“ajudar de novo”	VERB-FREQ
c.	<i>-pytywà-kar</i>	“causar ajudar”	VERB-CAUS
d.	<i>-pytywà-wiwi-kar</i>	“causar [ajudar de novo]”	VERB-FREQ-CAUS

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo desenvolve a hipótese de que, na língua Tenetehára, os núcleos Voice<sup>o</sup> e CAUSE<sup>o</sup> podem realizar-se sincreticamente como um núcleo complexo. A principal razão que nos levou a formular tal hipótese se deveu ao fato de que não é possível causativizarmos um verbo sem que um argumento agente/desencadeador seja introduzido na grade temática do verbo que se causativiza. O que observamos é que sempre que o um verbo recebe um dos morfemas causativos, mais especificamente o prefixo *{mu-}* ou o sufixo *{-(u)kar}*, um argumento externo agentivo deverá ser sempre introduzido na grade temática do verbo.

Propusemos ainda que o núcleo CAUSE<sup>o</sup> pode selecionar dois tipos de complementos: um VP ou um vP fásico. Quando o núcleo causativo seleciona um VP, a única morfologia que pode intervir entre o morfema causativo e a raiz é a morfologia de verbalização, que nesta língua se realiza por meio de um morfema nulo. Qualquer outro morfema, como os que indicam voz recíproca, voz reflexiva e a categoria aspecto, não intervém entre o núcleo CAUSE<sup>o</sup> e a raiz. Por sua vez, quando o núcleo causativo seleciona um vP fásico, notamos que não há restrição quanto à ocorrência de morfologias verbais entre a raiz e o núcleo causativo. É este fato que sugere que o morfema causativo *{-(u)kar}* seleciona vPs fásicos, ao contrário do morfema causativo *{mu-}*, que seleciona um complemento VP intransitivo.

## 6. REFERÊNCIAS

- Bendor-Samuel, David. 1972. Hierarchical structures in Guajajara. Norman: Summer Institute of Linguistics.
- Boudin, Max H. 1978. Dicionário de Tupí Moderno: dialeto Tembé-ténêthar do alto Rio Gurupi. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.
- Camargos, Quesler F. 2010. Para onde foram os adjetivos em Tenetehára? Monografia de Bacharelado em Linguística, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Carvalho, Márcia G. P. 2001. Sinais de Morte ou de Vitalidade? Mudanças estruturais na Língua Tembé. Dissertação de Mestrado em Linguística, Belém: UFPA.
- Castro, Ricardo C. 2007. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Chomsky, Noam. 1995. The Minimalist Program. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Duarte, Fábio B. 1997. Análise gramatical das orações da Língua Tembé. Dissertação de Mestrado, Brasília: Instituto de Letras/LIV da Universidade de Brasília.
- Duarte, Fábio B. 2003. Ordem de constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Duarte, Fábio B. 2007. Estudos de Morfossintaxe Tenetehára. Belo Horizonte: Editora da Fale/UFMG.
- Duarte, Fábio B. 2009. Coletânea de narrativas Tenetehára. Belo Horizonte: Editora da Fale/UFMG.
- Duarte, Fábio B. and Ricardo C. Castro. 2010. Incorporação nominal, inergatividade e estrutura causativa em Tenetehára. In Línguas e Culturas Tupí, eds. Ana Suely A. C. Cabral; Aryon D. Rodrigues and Fábio B. Duarte, v. 1, pp: 43-62. Campinas: Curt Nimendajú; Brasília: LALI/UnB.
- Hale, Ken, and Samuel Jay Keyser. 1993. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In The view from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger, eds. Kenneth Hale and Samuel Jay Keyser, pp: 53-109. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Hale, Ken, and Samuel Jay Keyser. 2002. Prolegomenon to a theory of argument structure. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Harrison, C. 1986. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In Handbook of Amazonian Language, eds. D. C. Derbyshire; G. K. Pullum, v.1 pp. 407-437. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Kratzer, A. 1996. Severing the External Argument from its Verb, in J. Rooryck & L. Zaring (eds.): Phrase Structure and the Lexicon. Dordrecht (Kluwer Academic Publishers).
- Lopes, Mário A. G. 2009. Aspectos gramaticais da língua Ka'apor. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

- Pylkkänen, Liina. 2002. *Introducing Arguments*. Ph.D. thesis. Cambridge, Mass.: Massachusetts Institute of Technology.
- Pylkkänen, Liina. 2008. *Introducing Arguments*. Linguistics Inquiry Monograph 48, Cambridge: The MIT Press.
- Radford, Andrew. 2004. *English Syntax: An introduction*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1953. Morfologia do Verbo Tupi. *Letras*, v. 1, pp. 121-152.
- Rodrigues, Aryon D. 2001. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em Línguas Tupí-Guaraní. *Estudos sobre Línguas Indígenas*, eds. Aryon Rodrigues and Ana Suely A. Cabral, pp.87-100. Belém: UFPA/GTLI.
- Seki, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.
- Silva, Yara R. B. 2009. *As causativas sintéticas no português do Brasil: novas evidências a favor da estrutura bipartida do VP*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.